

REFLEXÕES ACERCA DA TEMÁTICA FREIREANA: PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

AGERTT, Larisse Veiga¹; LESONIER, Kátia Guiomar Monte²;
CAMARGO, Maria Aparecida Santana³

Palavras-Chave: Educação. Cidadania. Inclusão-Exclusão. Formação Docente.

Introdução

Ler e compreender a obra freireana é um desafio sempre necessário e atual. Dentre tantas, a obra “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire, foi eleita para servir de suporte a esta pesquisa, devido à sua linguagem acessível e didática. Solidariedade, alegria, simplicidade, humildade, generosidade e esperança, entre outros termos, são pensamentos que perpassam o texto em questão durante todo o tempo. Por isso a pertinência da presente reflexão.

Na ótica freireana, é indispensável ao professor:

- Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua própria construção. É preciso insistir neste saber necessário ao professor, segundo o qual ensinar não é transferir conhecimento apenas, o conhecimento precisa ser apreendido por ele e pelo educando nas suas práticas;
- Como professor em um curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões políticas, o discurso deve ser um exemplo concreto prático da teoria, a qual deve envolver os alunos;
- Saber ensinar é uma postura exigente, difícil às vezes, que temos de assumir diante dos outros em face do mundo e dos fatos ante nós mesmos;
- É na inclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inclusão que gerou a sua educabilidade, é assim que nos tornamos conscientes;
- Uma das formas de luta contra o desrespeito dos poderes públicos pela educação é a nossa recusa a transformar nossa atividade docente em puro bico e de outro a nossa rejeição a

¹ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Pedagogia da UNICRUZ/RS. E-mail: larisseveiga@gmail.com

² Acadêmica do 8º semestre do Curso de Pedagogia da UNICRUZ/RS. E-mail: klesonier@unicruz.edu.br

³ Docente da UNICRUZ/RS, Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos (GPEHP). E-mail: cidascamargo@gmail.com

entendê-la e a exercê-la como prática afetiva de “tias e de tios”. É nesse sentido que os órgãos governamentais deveriam priorizar o empenho na formação permanente dos quadros do magistério, como tarefa altamente política e repensar a eficácia das greves.

Metodologia

A presente pesquisa teve início por ocasião da disciplina denominada “Seminário de Vivências Expressivo-Criativas I”, do Curso de Pedagogia da UNICRUZ. A mesma procurou compreender qual é a postura coerente e quais saberes deve ter o professor conscientizador. Partindo dessa premissa, objetivou-se discutir a realidade concreta que se deve associar à disciplina cujo conteúdo se ensina, provocando reflexões críticas sobre a prática, bem como oportunizar caminhos que levem à conscientização e à autonomia.

Toda a investigação foi embasada na leitura da obra intitulada “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, de Paulo Freire, já em sua 15ª edição, publicada pela Editora Paz e Terra, no ano de 2000. Deste modo, é uma pesquisa de caráter qualitativo e cunho bibliográfico, com reflexões relacionadas à prática pedagógica.

Justifica-se o interesse pela temática freireana por esta discutir tópicos relevantes que servem de mote a ser seguido na contemporaneidade, tais como:

- Porque não aproveitar a experiência que os alunos têm de viver em áreas na cidade, descuidadas pelo Poder Público, para discutir a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde? Porque não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo remediados nos centros urbanos? Para Freire, esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz.
- Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?
- Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa em questões étnico-raciais, de classe, de gênero, ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. A grande tarefa do sujeito que pensa coerente não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensamento, mas sim esclarecer e conscientizar sobre a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos.
- A tarefa coerente do educador que pensa coerente é exercer como ser humano a irrecusável prática de desafiar o educando com quem se comunica e produzir a compreensão do quem vem sendo

comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar coerente por isso é dialógico e não polêmico.

Resultados e Discussões

Após a leitura atenta da obra em questão, inúmeras foram as lições apreendidas e as reflexões desencadeadas. Entre tantos ensinamentos, um saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito à sua natureza. Como professor, preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho.

A capacidade de aprender não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo, para transformar a realidade, para nela intervir, recriando a fala da nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas. A nossa capacidade de aprender que decorre de ensinar, sugere a nossa habilidade de aprender a substantividade do objeto aprendido. Nesse caso o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo.

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente, o que corresponde ao dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Neste sentido o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos não cansam, não dormem, não cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, compreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Como professor, não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, minha segurança não repousa na falas, suposição de que sei tudo, de que sou o “maior”. Mas sim, a segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que sei junto à certeza de que posso saber melhor ou que já sei e conhecer o que ainda não sei.

A formação dos professores e das professoras deveria insistir na constituição deste saber necessário, desta coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o entorno ecológico,

social e econômico em que vivemos. E o saber teórico desta influência teríamos que juntar ao saber teórico-prático da realidade concreta em que os professores trabalham.

Conclusão

É imprescindível à formação pedagógica a leitura e a análise da obra freireana. Conclui-se que no processo de formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Nesse viés, uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições, nas quais os educandos em suas interações uns com os outros e todos com o professor ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.

Isto posto, pode-se afirmar que o texto freireano estudado traz importantes contribuições aos estudantes das licenciaturas, e, por que não dizer, a todos em geral, visto que a temática é interdisciplinar.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Coleção Leitura.